



Tempo de perdoar

Sônia Manski*

São Paulo, Brasil

soniamanski@hotmail.com

Mesmo isolada em casa por causa da pandemia do COVID-19, o judaísmo da tradição invade o meu jardim. Talvez porque o mês fosse *Elul*, um mês de reflexão em que, de acordo com a doutrina, o “Rei” – ou seja, D’us – está no campo, mais perto de nós, atento para nos ouvir. Ou talvez porque, pelo calendário judaico, fossem os chamados *Iamim Noraim*, os Dias Temíveis, que começam no Ano Novo Judaico (*Rosh Hashanah*) e terminam no Dia do Perdão (*Yom Kipur*), quando o destino de cada um está sendo selado.

Que “perdão foi feito pra gente pedir” está gravado em música. Mas que tipo de perdão?

Li em uma revista judaica que Nossos Sábios supõem a existência de duas vias: não apenas pedimos perdão, mas, também, perdoamos. A quem? As outras pessoas, a D’us e a nós mesmos. Nossa, é perdão para tudo quanto é lado!...

Na minha experiência, já observei a dificuldade de obter a via de volta, ser perdoada. Ficou gravado na minha memória um corte radical de amizade. Tudo porque não convidei a amiga para a Festa Literária de Paraty. Do meu lado, o motivo era claro: seus filhos pequenos reduziam sua liberdade de voo. Se rejeitava programas em finais de semana, que dirá um evento fora de São Paulo... Ainda chegamos a conversar, mas minhas desculpas não funcionaram. Que pena! Será que ela não confiou que aprendi a lição e não aconteceria de novo? Hoje entendo que ela preferia ter sido consultada, ter o direito de escolher se queria e podia me acompanhar.

Só me resta deixar registrado que lamento a perda de nossas conversas. Resta torcer para que ela leia. Talvez perdão seja feito para a gente escrever.

Também almanaques nada especializados se manifestam sobre o tema: “o primeiro a pedir desculpas é o mais sábio; o primeiro a perdoar é o mais forte e o primeiro a esquecer é o mais feliz”.

Levando a sério essa classificação nada séria, feliz seria aquele rapaz que havia saído comigo uma vez (feliz não por isso, que fique claro) e me telefonou convidando para mais um encontro. Sem nenhum traquejo social, digo que a data é difícil para mim, ao que ele responde sugerindo outro dia. Novamente apresento outra desculpa e ele, de novo, sugere outro dia. E assim vai sugerindo datas até que eu, sem o menor tato e apegada a uma verdade inoportuna, digo que não quero sair com ele. Por mais

* Arquiteta e escritora.



estranho que seja, só bem depois percebi minha falta de sensibilidade. Como pode uma criatura ser tão insensível ao sentimento do outro? Essa era eu.

Passaram-se alguns anos até encontrar o cara de novo. Na hora, senti que era a oportunidade de pedir desculpas e fui direto ao assunto. Óbvio que recontei toda a história antes de pedir perdão. O mais surpreendente foi ele não ter a menor lembrança do evento. Ótimo porque nós dois acabamos ganhando: eu porque me livrei de carregar essa culpa e ele porque esqueceu minha gafe.

Problema mesmo consiste na dificuldade de perdoar, em deixar de se ressentir, sentir de novo aquela sensação incômoda. Como proceder em caso de eu não ter feito nada de errado, mas alguém ter magoado meu pai a ponto de ele, homem de pouquíssimas palavras que era, ter expressado sua dor? Não se trata de eu pedir perdão, isso seria fácil, mas ficar esperando um pedido de perdão que não virá. “Só para a frente se deve olhar” – ouvi de alguém bastante ligado à religião. “Que eu deixasse essa rusga para lá; que eu perdoasse, mesmo sem ninguém pedir ou mostrar arrependimento”.

Até tentei assimilar as palavras da amiga: “Acho tão bom que exista o Dia do Perdão! Bem ou mal, é uma oportunidade de dar uma zerada e começar tudo de novo!” Bom? Bom para ela. De minha parte, ainda não consegui dessa vez. Fica para a próxima. Magoar o pai da gente? Ainda me é difícil esquecer: essa lição de casa vai ficar para o ano que vem.

Enquanto isso, que D’us me perdoe!

Recebido em: 10/07/2020.

Aprovado em: 17/07/2020.